



Marcos Schmidt

Pastor luterano
marcos.ielb@gmail.com

Como acabar com a guerra?

Quando o mundo todo discute como sair da dependência dos combustíveis fósseis e buscar formas renováveis para salvar o planeta do efeito estufa, os homens estufam o próprio peito, jogam bombas, matam, e aumentam a degradação da vida no único lugar habitável do universo. Claro, procuram outro planeta, mas, por enquanto, estamos sozinhos – e afastados uns dos outros pelo ódio, ganância e imbecilidade.

Todos sabem como começar uma guerra, mas ninguém sabe como acabar com ela. Nem o autoproclamado dono do mundo. Ele sabe que o fim de-

le está chegando pela idade que tem, mas por que apressar o fim da vida dos outros e da vida de todo o planeta? Ele deveria saber sobre quem é o dono do mundo e não insistir com o refrão “nunca vou me render”. Mas, agora, a desgraça está feita. E os fanáticos, que já odiavam a “América em primeiro lugar”, agora vão globalizar o terror com o jihad, a “guerra santa” deles.

“Ao Senhor Deus pertence o mundo e tudo o que nele existe”, diz o Salmo 24. Paulo enfatiza isto: “Deus, que fez o mundo e tudo o que nele existe, é o Senhor do céu e da terra” (Atos

17.24). Os seres humanos, sobretudo os governantes, só têm o poder de destruir o que Deus criou. Por isto a recomendação bíblica: “Orem pelos reis e por todos os outros que têm autoridade, para que possamos viver uma vida calma e pacífica” (1 Timóteo 2.2). Esta é a nossa oração neste momento crucial: “Ó Senhor, dá um pouco de sabedoria aos senhores deste teu mundo.”

Por fim, convém lembrar que “não estamos lutando contra seres humanos, mas contra as forças espirituais do mal” (Efésios 6.12). Então, só existe um jeito para acabar com esta guerra.

Publicitário
mauro@gpsinteligenciacriativa.com.br



Mauro Blankenheim

Antes da era fax

As décadas de 60 e 70 parecem se condensar na memória. Kleber Mendonça Filho captou bem o momento e colocou tudo numa obra com Opalas, Corcéis e Fuscas. *O Agente Secreto*, na pista para várias premiações do cinema, retrata com grande acuidade o momento vivido pelo Brasil em 1977. Já podíamos nos orgulhar de ser um país pobre com alguns requintes. O Nordeste, especialmente o Recife, serve de pano de fundo para uma história de tantas que não tiveram nem fim, nem explicação. Os documentos sumiram. Não havia resquício tampouco vesti-

gio de que algo ou alguém existira de fato ou se escafecera. Tempos loucos. Enquanto tinha trabalho de sobra para sicários, esses também conheceram seus próprios algozes. A encomenda vez ou outra dava errado. Morria o outro em vez do um.

Zumbido de moscas, muito azulejo, sangue frio e calor desértico. Telegrafas, orelhões e telefones fixos faziam o cenário tecnológico do período. O País já havia perdido o rumo do desenvolvimento e caminhava trôpego acuado pela situação política de exceção. A população crescia. Faziam-se filhos a tor-

to e a direito. A infraestrutura já sinalizava sua impotência. Escolas públicas, saúde e habitação começavam a cheirar mal. Nas aulas, a disciplina OSPB foi substituída pela Educação Moral e Cívica. Aprendi com uma professora o significado da palavra exacerbado.

Dizia-se que em pouco tempo surgiria um equipamento que agilizaria todos os processos. Dez anos depois, chegava o fax. Antes, em 1982, os microcomputadores tomavam o lugar das Olivetti. Wagner Moura compõe um detetive político que ironiza a agonia do brasileiro.

Advogada
advgabrielastreb@gmail.com



Gabriela Streb

A estátua

A Justiça, obra de Alfredo Ceschiatti, está situada bem em frente ao prédio do Supremo Tribunal Federal. Quem vai a Brasília pode trazer uma miniatura de lembrança.

Foi esse o monumento pichado pela Débora com a frase “perdeu mané”.

Débora teve a infeliz ideia de, com um batom vermelho, escrevê-la. Deveria ter tido outro impulso e rascunhar: “estupro coletivo é crime”, “feminicídio é crime” ou “respeitem a Constituição”. “Perdeu mané” não se admite.

Teve também a infelicidade de apa-

gar mensagens em seu celular que certamente poderiam ser utilizadas como prova. Mesmo que o artigo 5º, LXIII da Constituição Federal traz como princípio que ninguém é obrigado a produzir prova contra si, que, em resumo, deriva do direito ao silêncio.

A cabeleireira ficou presa preventivamente por dois anos, condenada a 14 cuja pena foi convertida em prisão domiciliar. Hoje condenada em casa. Melhor do que a penitenciária.

A intrigante Justiça nem sempre é igual para todos.

Ministro do STF apagar mensa-

gens comprometedoras não tem o mesmo rigor.

Por aqui relevante é saber quem vazou informação de contrato milionário firmado entre banqueiro falido com escritório de colega advogada esposa do mesmo ministro apagão. Imoral não é o contrato, e sim quem vazou. Pena que não haja o mesmo rigor para saber quem vaza dados particulares do INSS a bancos que te importunam o dia inteiro induzindo o beneficiário a empréstimos consignados e cartões tais quais fazem algumas instituições. Relevante mesmo é o batom.

Andréa Fidelis

Psicóloga, pesquisadora e palestrante
andrea@andreaafidelis.com



Propósito é direção

No mês do Dia Internacional da Mulher, eu gosto de inverter a lógica das homenagens e me fazer uma pergunta bem simples: eu estou vivendo ou só funcionando? Durante muito tempo, o propósito foi vendido como sinônimo de desempenho. Como se a vida precisasse estar sempre “dando resultado”. Mas o propósito não é cargo, não é aplauso e não é uma meta grandiosa. Propósito é direção interna. É aquilo que faz a gente acordar e reconhecer sentido no que faz, mesmo quando a rotina pesa.

Estudando Inteligência Espiritual e temas ligados ao sentido na vida, aprendi que significado não é luxo. É fator de proteção emocional. Quando a gente entende o “porquê”, enfrenta melhor as fases difíceis e toma decisões com menos culpa e mais coerência.

E aqui entra um ponto que muitas mulheres conhecem na pele: nós apren-

demos cedo a “dar conta”. A equilibrar trabalho, casa, família, expectativas, cuidado com todo mundo. Só que dar conta não é o mesmo que estar bem. Quantas de nós seguem acumulando tarefas, mas já não conseguem responder com honestidade: isso ainda faz sentido pra mim?

Talvez o 8 de março não precise de flores. Precise de revisão de rota. Do tipo: o que eu estou sustentando que já não me sustenta? O que eu continuo fazendo por obrigação, medo ou costume? O que eu deixei de desejar para não decepcionar? Propósito não elimina dificuldades. Mas muda a forma como a gente atravessa cada uma delas. E, muitas vezes, o ato mais corajoso não é aguentar mais. É escolher diferente.

Neste mês, eu desejo que a gente se autorize a fazer perguntas incômodas e a construir respostas possíveis. Sem cobrança de per-

Alexandre Garcia

Palestrante, escritor, pesquisador,
garcia@speakeralexandregarcia.com.br



Empolgação com a IA

A Inteligência Artificial (IA) não surgiu agora. Suas ideias começaram lá atrás, nos anos 1950, com estudos de cientistas como Alan Turing. Nos últimos anos, ganhou força com computadores mais potentes e grande volume de dados. A virada mais recente aconteceu quando a tecnologia passou a criar textos, imagens e respostas, entrando de vez no dia a dia das empresas.

Mas como saber se é hora de investir ou ter cuidado? Existem modelos bastante conhecidos que mostram como as novas tecnologias evoluem. Quase toda novidade passa por cinco momentos: primeiro, a descoberta; depois, a empolgação exagerada; em seguida, a frustração; mais adiante, o aprendizado; e por fim, o uso produtivo, quando começa a dar resultado de verdade.

Hoje, a Inteligência Artificial parece estar saindo

da fase da empolgação e entrando em um momento mais realista. Muitas empresas perceberam que não é tão simples quanto parecia. Há dificuldades de implantação, regras a serem seguidas e questões éticas importantes.

Isso não quer dizer que deu errado. Pelo contrário. Significa que estamos amadurecendo. A empolgação está dando lugar ao aprendizado.

Para quem investe, o recado é claro: menos entusiasmo cego e mais análise. Para o público em geral, vale lembrar: a Inteligência Artificial é uma ferramenta poderosa, mas não faz milagres. Funciona melhor quando usada com responsabilidade e pensamento crítico.

Na história, as tecnologias que realmente mudam o mundo são justamente aquelas que sobrevivem depois que passa a fase da moda.

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br



Paisagem bucólica em Serra Grande

Jairo Meinhart
Igrejinha

Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

abc+
Mais artigos em
abcm.com/
opiniao